

## ARTES CÊNICAS

# Fragments de uma personagem

Depois do sucesso de público e crítica com o espetáculo *Rock'n'roll*, Felipe Vidal estreia, no CCBB, montagem que discute a instabilidade do ser humano no mundo contemporâneo

Fotos: Camilla Coutinho/Divulgação



Tentativas contra a vida dela — 17 situações para o teatro tem estreia nacional em Brasília. Em cena, o promissor trabalho de Felipe Vidal

» ADAIR OLIVEIRA

Ela pode ser Anne, Annie ou Anya? Ela ainda pode ser uma atriz pornô, uma terrorista ou um tipo engraçado. Essas são algumas das apostas para desvendar uma protagonista que faz parte de enredo sem personagens, mas com várias histórias a serem contadas. Cada fragmento exposto no palco é uma chave para a plateia absorver a figura dessa mulher, no entanto, uma cena pode negar a outra. A ideia é formar um potente jogo cênico para erguer *Tentativas contra a vida dela* — 17 situações para o teatro, do dramaturgo inglês Martin Crimp.

A peça tem estreia nacional, hoje, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), e conta com a regência de Felipe Vidal, que encenou a elogiada montagem *Rock'n'roll* (2009), de Tom Stoppard. Felipe Vidal adianta que a pe-

ça propõe uma procura e faz um questionamento sobre a necessidade da existência de uma personagem. “O tema central trata-se da impossibilidade de descrever uma pessoa completamente, pois sempre haverá um ponto de vista a respeito dela. Quando se fala sobre um ser humano, você não conseguirá descrevê-lo em sua totalidade. Mesmo numa biografia, acaba-se partindo de um recorte ou de um ponto de vista. Essa peça fala um pouco disso”, adianta.

## Leituras múltiplas

Escrita no ano de 1997, a obra é um diálogo com o mundo contemporâneo e traz uma maneira de olhar, que não pode formular um esquema único de leitura. De acordo com Felipe, o texto de Martin Crimp vai discutir essa fragmentação ou essa vida em “pedaços”, que faz parte do mundo

contemporâneo em meio de temas bastantes atuais como violência, preconceito, ideias prévias, clichês, desestabilidade do homem, além de outras obsessões modernas.

O projeto de encenação do texto nasceu quando Daniele Ávila — que recentemente traduziu a premiada peça *In on it* (Prêmio Shell de Teatro deste ator para Fernando Eiras e direção para Enrique Diaz) — e Felipe Vidal fizeram um curso sobre dramaturgia com o espanhol José Sanchis Sinisterra. “Ele exemplificou essa peça como uma experiência mais radical dessa fragmentação do personagem”, relata Daniele. A tradutora acrescenta que levar para os palcos o texto de Martin Crimp é uma oportunidade para discutir a respeito da dramaturgia e da encenação contemporâneas no teatro brasileiro.

A peça é composta com um

elenco de 10 atores. Segundo Vidal, o nascimento do texto para o palco surgiu em meio a muitas leituras e experimentações do que seriam as cenas. A partir dessas discussões realizadas pelos atores a cerca dessas situações, surgiu a montagem. *Tentativas contra a vida dela* fica em cartaz até 6 de junho.

## TENTATIVAS CONTRA A VIDA DELA

Direção Felipe Vidal para texto de Martin Crimp. Com Flavia Pucci, Luciana Fróes, Carol Condé, Gabriela Carneiro da Cunha, José Karini, Leandro Firmino da Hora, Lucas Gouvêa e Sergio Medeiros. De hoje a domingo, às 19h30, no Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil (SCES, Tc. 2, Cj. 22; 3310-7087). Ingressos R\$ 15 e R\$ 7,50 (meia). Não recomendado para menores de 14 anos

## » Quatro perguntas // Felipe Vidal

### Qual o texto que cabe no teatro contemporâneo?

Existem várias vertentes no teatro contemporâneo. Tem uma vertente de desconstrução do texto muito forte e interessante, mas tem também outras pesquisas contemporâneas com o personagem, com uma pesquisa formal por dentro disso que propicia, às vezes, um trabalho de interpretação para o ator diferente, no qual se tem uma busca de um outro tipo de linguagem de atuação para esse teatro contemporâneo, que já é muito influenciado pelas outras mídias.



### Você ganhou notoriedade com a peça *Rock'n'roll*, de Tom Stoppard, em 2009. Agora, você traz para cena um texto do dramaturgo Martin Crimp. Qual a semelhança entre eles?

Nenhuma semelhança (risos). É engraçado. Os dois são britânicos, o Tom Stoppard é um cara com 70 anos. Ele começou a escrever nos anos 1950 e tem forte essa tradição aristotélica na construção do texto, de grandes monólogos, com um jogo de palavras de maneira mais tradicional, mas bastante interessante. E o Martin Crimp já “explode” com a dramaturgia.

### Crimp tem uma pesquisa dramática mais radical dentro da fragmentação. Como é trabalhar com esses dois opostos?

A montagem de *Rock'n'roll* foi uma experiência bacana porque o meu trabalho mais efetivo é com esse textos da dramaturgia contemporânea ou pós-dramático, como da Sarah Kane e do Antony News. Eu me interessei por *Rock'n'roll*, pois se trata de um texto mais tradicional, mas no entanto, ele é um texto fragmentado pois começa no ano 1968, na cidade de Cambridge, passa por Praga, e termina em 1990, na mesma cidade. Nele, há várias cenas com hiatos de tempos. As cenas começavam e terminavam no meio, eram recortes das vidas desses personagens que, numa certa medida, tinham uma aproximação com esse teatro fragmentado e isso acabou me interessando bastante.

### A peça é construída na terceira pessoa, esse é que possibilita as várias visões sobre essa personagem?

Sim. O fato de falar na terceira pessoa faz com que essa personagem ausente possa ser identificada, por aquela outra pessoa que está falando na terceira pessoa. Como se fosse aquela personagem ou não, isso propicia ao espectador várias leituras a partir desse jogo. O que é interessante no teatro contemporâneo é você dar um caminho que te leva para várias portas, sem cercar o olhar do espectador, sem dizer o que ele tem que fazer, pensar ou quanto tem que rir. Em vez de fechar um ponto de vista, ele abre para outras possibilidades de leitura.

## DE GRAÇA

# O teatro vai ao tribunal

» MARINA SEVERINO

Já passaram 150 anos da publicação da obra máxima de Charles Darwin. O livro *A Evolução das espécies* até hoje é alvo de questionamentos religiosos. No Brasil, a discussão é branda, mas, nos Estados Unidos, a polêmica continua. Estados como Kentucky, Oklahoma, Dakota do Sul e Texas aprovaram leis restringindo o ensino do evolucionismo nas escolas, dando aos pais o direito de optar pelo ensino exclusivo do criacionismo na educação dos filhos.

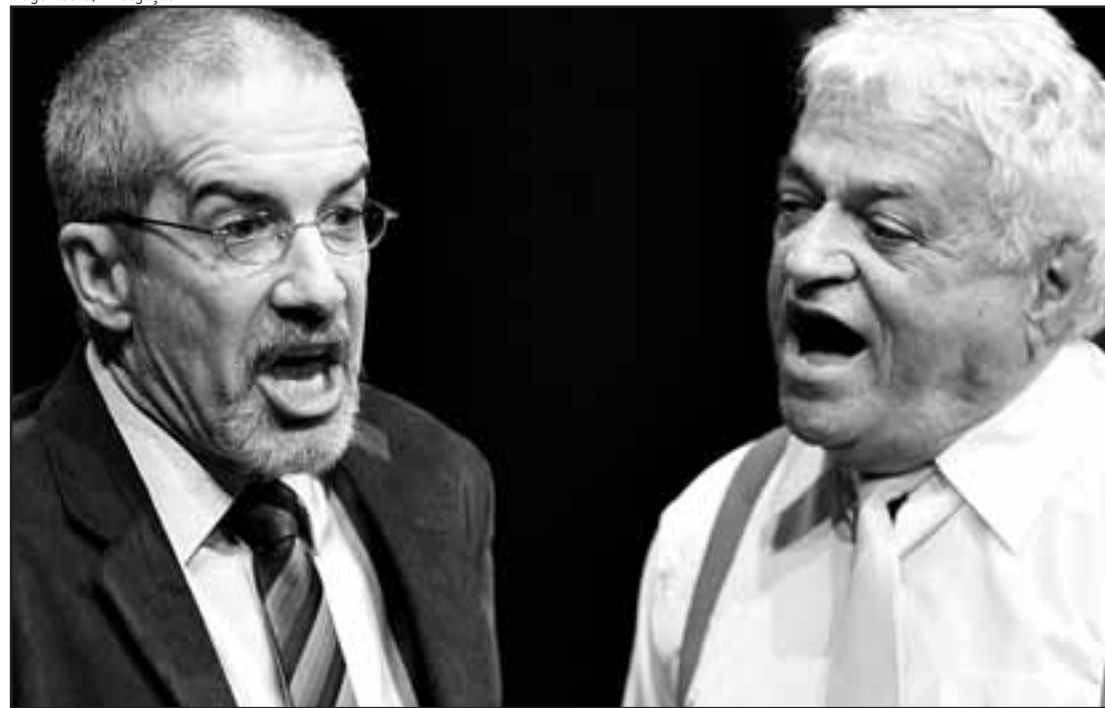
A discussão remete a uma América de 1925, quando o famoso caso do professor John Thomas Scopes se tornou conhecido como *O julgamento do macaco*. A história será levada ao palco a partir de hoje

no Teatro Garagem, reunindo artistas de diversas gerações do teatro brasileiro para resgatar uma questão que parece não ter ficado resolvida com o tempo. Afinal, até onde vão os limites de ciência e religião?

Quem dá o veredito em *O julgamento do macaco* é o público. Logo de início, algumas pessoas são escolhidas para compor o júri cênico e analisar a história de um professor de biologia que burlou as leis do país ao ensinar a teoria da evolução das espécies. A montagem do Grupo Sesc de

Pesquisa Cênica tem o final aberto, a ser decidido pelo público nos últimos minutos de espetáculo. Em algumas apresentações, o réu pode ser considerado culpado e, em outras, inocente. “O objetivo é mostrar que, apesar da solução já estar

Hugo Rocha/Divulgação



Humberto Pedranci (D) e Alaor Rosa em *O julgamento do macaco*: nova aposta do diretor Rogero Torquato

clara à luz da lei, ainda há a divisão de opiniões. Nós não temos expectativas quanto à resposta do público. Dependendo dela, também será possível ver a repercussão do nosso trabalho de imediato”, explica o diretor Rogero Torquato.

Além do embate imediato com a religião, o professor se tornou célebre por ter seu julgamento transmitido via rádio pela primeira vez na história norte-americana. Com isso, a falida cidade aproveitou o caso para atrair turistas. “Montamos o espetáculo além da briga entre

religião e ciência. Discutimos liberdade de pensamento e de expressão, livre-arbítrio e a influência do Estado na educação”, adianta o diretor.

Para isso, o grupo estudou a trajetória do professor e outros temas relacionados à polêmica por quatro meses até chegar ao roteiro final, escrito por meio de processo colaborativo. A montagem reúne influências de diversas vertentes do teatro, com cenas naturalistas e inovações para resgatar momentos anteriores ao fato narrado. “O espetáculo acontece no tribunal, mas

usamos recursos de flashback para explicar como o professor chegou àquela situação. É uma mistura de linguagens que surge em consequência das colaborações”, detalha Torquato.

## Mistura de gerações

Criado em 2009 em comemoração aos 30 anos do Teatro Garagem, o grupo Sesc de Pesquisa Cênica estreou de forma tímida, no ano passado, com o espetáculo *O rei da vela*, de Oswald de Andrade. Com a montagem, atraiu novos integrantes

e tornou possível a criação de *O julgamento do macaco*, o primeiro espetáculo fruto de um processo colaborativo do grupo.

No elenco e produção, nomes de veteranos do teatro candango como Alaor Rosa e Reinaldo Vieira se misturam a novas caras, como os atores Samuel Cerkevnik e Geórgia Nascimento, e o assistente de direção, Alex de Castro. Humberto Pedranci, que dirigiu a primeira peça encenada no Teatro Garagem em 1979, também integra o elenco. “Essa mistura de gerações só pode resultar em bons frutos. Isso mostra que o trabalho com teatro em Brasília está tendo uma continuidade proveitosa. Esse diálogo é muito importante”, acredita Rogero Torquato.

## O JULGAMENTO DO MACACO

Espectáculo do grupo Sesc de Pesquisa Cênica dirigido por Rogero Torquato. Com Humberto Pedranci, Alaor Rosa, Alex de Castro, Geórgia Nascimento, Guto Viscardi, Samuel Cerkevnik, Reinaldo Vieira e Roustang Carrilho. De hoje a sábado, às 21h e domingo, às 20h (domingo), no Teatro Garagem, na 913 Sul. Até 30 de maio. Entrada franca. Ingressos disponíveis na bilheteria do teatro a partir de duas horas antes do início de cada sessão. Não recomendado para menores de 14 anos. A montagem segue depois para o teatro Sesc Newton Rosa, em Ceilândia (de 4 a 6 de junho), e para o teatro Sesc Paulo Autran, em Taguatinga (de 11 a 30 de junho).